

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

DO ATO À PALAVRA: A NARRATIVA COMO VIA PARA A ELABORAÇÃO DE SENTIDOS¹

FROM THE ACT TO THE SPEECH: THE NARRATIVE AS A WAY TO A MEANING ELABORATION

**Luciane Miranda², Carline Engel Krein³, Patrícia de Abreu Matheis Villetti⁴, Valeska
Schwarz Kucharski⁵, Carolina Baldissera Gross⁶**

¹ Projeto de Pesquisa realizado no Curso de Psicologia da Unijui

² Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, estagiária em Psicologia e Processos Clínicos

³ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, estagiária em Psicologia e Processos Clínicos

⁴ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, estagiária em Psicologia e Processos Clínicos

⁵ Acadêmica do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, estagiária em Psicologia e Processos Clínicos

⁶ Professora do Curso de Graduação em Psicologia da UNIJUÍ, mestre em Atenção Integral à Saúde pela UNICRUZ-UNIJUÍ

INTRODUÇÃO

Décadas marcadas pelo desconhecido, por doenças que trazem à tona algo de invisível e com isso, a certeza da finitude, a qual estudada por Freud (2006 [1927-1931]) desvela o que o sujeito tem de mais humano, o mal-estar. Afinal, na busca de economia tanto monetária, quanto psíquica, revela-se o esquecimento. Contudo, nem tão esquecido, apenas submerso numa impossibilidade narrativa que se repete ao longo dos séculos.

O presente trabalho busca compreender por meio da história brasileira das pandemias, a repetição apresentada ao longo dos anos e a importância da narrativa no sujeito e no social, afinal não é a primeira vez que o mundo – em especial o Brasil – passa por uma situação de doenças infectocontagiosas. Todavia, devido aos avanços científicos, há tempos que nenhuma doença não nos acomete com tamanho impacto como a COVID-19.

Palavras-chave: Pandemia; Narrativa; Luto; Elaboração Psíquica.

METODOLOGIA

O desenvolvimento deste estudo foi realizado através de uma pesquisa bibliográfica qualitativa. Como ferramenta de coleta de dados, foi feita uma revisão bibliográfica de artigos científicos no período de março até junho de 2020 na ferramenta Google Acadêmico, tendo como base para a pesquisa a psicanálise freudo-lacaniana. Além de artigos, foi feita revisão bibliográfica de obras literárias de autores consagrados, como Sigmund Freud, Walter Benjamin e Jacques Lacan e escritos resultado do Projeto Clínicas do Testemunho desenvolvido pela Comissão de Anistia do Ministério da Justiça.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Febre Amarela e Gripe Espanhola - Experiências de luto

Quando a Febre Amarela assolou a cidade do Rio de Janeiro em 1849, não era a primeira vez que os cariocas enfrentaram a doença. Todavia, poucos foram os avanços científicos desde a última epidemia, há quase 160 anos atrás. Devido ao despreparo científico, estrutural e político, em poucos meses o “amarelão” já invadira quase todas as residências, e não havia um consenso sobre a forma de tratamento, visto que, naquela época, ainda não haviam descoberto sua transmissibilidade através do mosquito *Aedes Aegypti* (mosquito que até hoje causa severas epidemias em todo o país de várias doenças, entre elas a Dengue). Assim, na tentativa de dar respostas, independentemente destas serem respostas corretas, a comunidade médica receitou diversas profilaxias, sendo muitas delas divergentes entre si. Uma das mais populares foi o uso de sulfato de quinina, que dividiu os médicos entre os “quinistas” e os “não-quinistas”.

No entanto, o que é digno de destaque deste episódio não é a rápida transmissibilidade da doença e vítimas fatais, mas a forma com que as autoridades da época lidaram com a situação: Quando o médico alemão Roberto Cristiano Bertoldo Lallement notificou os primeiros casos confirmados da doença, enfrentou muita resistência da Academia Imperial de Medicina, que só foi capaz de admitir a doença quando esta já estava em avançado processo de disseminação. (FRANCO, 1969). Todavia, desde o início o governo teve o cuidado de proibir a publicação de obituários, missas fúnebres, ou que os sinos dobrassem a cada morte, o que causava ainda mais pânico na população. “Tudo se proibia, só a morte não era proibida”. (LALLEMENT, apud FRANCO, 1969, p. 39). A epidemia só começou a declinar em meados de abril de 1850, e a doença foi considerada extinta em setembro do mesmo ano. “Quando o real se descortina sem anteparos, o sujeito encontra-se exposto ao real impossível de simbolizar” (BETTS, 2018, p. 120)

Sendo assim, os sujeitos que enfrentam a situação de pandemia encontram-se, muitas vezes, em uma impossibilidade de simbolizar, calando-se, e isto pode gerar uma potência do traumático, ou o esquecimento. Por isso “cabe lembrar que não há sofrimento humano maior do que aquele que é silenciado” (BETTS, 2018, p. 123) Desta forma, pode-se constatar que retorna-se ao horror do traumático mesmo que este gere desprazer e sofrimento.

Há cem anos, a chamada "gripe espanhola", ocasionada pelo vírus influenza, dizimou entre 1918 e 1920 cerca de 50 a 100 milhões de pessoas. Entre os que partiram nessa viagem sem volta, estava Sophie, a quinta filha de Sigmund Freud. Não havia trens de Viena para a Alemanha. Freud não consegue ir a Hamburgo acalantar a filha em seu leito de morte, ou sequer para cumprir os rituais de luto.

O criador da técnica psicanalítica tentou dar destino a vivência de seu luto por meio de seus postulados teóricos e narrativas através da escrita de cartas enviadas para pessoas próximas, escreveu ao seu amigo e colega Ludwig Binswanger evidenciando sua dificuldade em superar a perda: "Eu trabalho o máximo que posso e sou grato pelo que tenho. Mas a perda de um filho parece ser uma lesão grave. O que é conhecido como luto provavelmente durará muito tempo". A partir dessa experiência, ele concluiu: “Sabemos que a dor aguda que sentimos após uma perda continuará e também permanecerá inconsolável e nunca encontraremos um substituto. Não importa o que aconteça, não importa o que façamos, a dor está sempre lá. E é assim que deve ser. É a única maneira

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

de perpetuar um amor que não queremos abandonar.” No artigo Reflexões para os tempos de guerra e morte (1915[1956]), refere que as pessoas amadas são um patrimônio íntimo ou um fragmento de nosso próprio ego.

Luto e Narrativa - Caminhos de elaboração

No texto Luto e Melancolia (1915[1917]), Freud aponta que o luto revela ao sujeito que seu objeto amado não existe mais, o sujeito reage a perda do objeto amado, com uma total perda de interesse pelo mundo externo, entrando em um estado psíquico penoso e doloroso que nos remete ao trauma. Segundo Maia (2003, p. 4) "o episódio traumático se dá no limite das possibilidades de narrativa", neste sentido ao fomentar o recurso à narrativa, expande-se o limite e dá-se maior possibilidade de que a intensidade imobilizadora do trauma não inviabilize o processo de simbolização, dá lugar a uma nova temporalidade que permite incluir o evento traumático ao fluxo corrente dos demais acontecimentos da vida, conforme apontamentos de Seligmann-Silva (2008). As palavras revestem as intensidades na medida em que cumprem a função de "apalavrar o mal-estar" (CANAVÊZ; HERZOG, 2011, p. 113).

Luto e Melancolia ([1915[1916]) nos permite uma aproximação com o ensaio O Narrador, de Walter Benjamin (1936), no que se refere a importância da construção de uma narrativa que sustente o trabalho de luto. Entendemos que, assim como Benjamin, Freud também aponta a narrativa como possibilidade de enxergar, diante da perda, o mundo não apenas como um lugar pobre e vazio, mas de construção e movimento. A perda da narrativa, da capacidade de transmitir a experiência através da palavra, nos coloca numa posição de inércia que impossibilita a torção do discurso e acabamos caindo na armadilha do repetir e recordar sem encontrar margens para o elaborar. Não conseguimos navegar outros mares, não encontramos novos litorais; e sofrer parece ser o único porto que se oferece ou a única bússola que orienta a viagem.

O testemunho de um sujeito diz respeito aos fatos vivenciados, aos significados e significantes que a experiência inscreve na sua existência, não dar espaço para que essa realidade venha à tona não priva apenas do ato de narrar, mas, de recordar, o que nos põe diante de uma navegação conturbada nos oceanos da vida, visto que, segundo Freud (1996 [1911-1913]) o recordar passa a vir em ato, em uma compulsão à repetição, um sintoma produzido a partir da não palavra, daquilo que se torna inenarrável, mas nem por isso deixa de existir.

O conteúdo que não pode ser recordado e elaborado nos convoca infinitamente, levando-nos a um outro modo de funcionamento psíquico, que se direciona para além do princípio do prazer, o qual Freud denominou pulsão de morte (BETTS, 2018). Contudo, há formas de reparação psíquica que propiciam que as pulsões de vida superem as pulsões de morte, a narrativa é uma dessas vias de reparação, afirma o autor.

A narrativa se constrói minimamente, “ela não está interessada em transmitir o ‘puro em si’ da coisa narrada como uma informação ou um relatório. Ela mergulha a coisa na vida do narrador para em seguida retirá-la dele.” (BENJAMIN, 1986, p. 205). É uma travessia, que nos transforma, que entra em nós, fica em nós. Nessa perspectiva, ao longo da história, os sujeitos têm se privado de construir narrativas, logo, corre-se o risco da queda em uma cultura do esquecimento e negação, como se não houvesse direito ou recursos psíquicos para narrar. “Um sujeito ou uma sociedade sem história estão à deriva, não sabem para onde estão indo, não sabem porque pensam o que pensam ou porque agem

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica
ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

como agem” (RIECK, 2018).

Porém, a fala só ocorre se houver alguém que a escute (SILVEIRA; BARROS, 2018) e as narrativas históricas apontam para uma característica cultural da nação Brasileira que para além de não falar, não quer escutar, fortalecendo e facilitando assim, o silenciamento individual e coletivo; e certamente houve, há e haverá sempre muito o que falar.

CONCLUSÃO

Os restos de memória mostram que o capítulo de pandemias no Brasil, não é uma página virada, assim como a tentativa de silenciamento das narrativas promovido pelo estado, no intuito de preservar mais a economia financeira e interesses particulares fundamentados num discurso capitalista feroz, de que a economia psíquica e a vida. Depara-se não apenas com a letalidade do vírus, mas também com a violência de estado, que se faz presente desde os primórdios da história da sociedade brasileira e não cessa de se repetir através dos séculos justamente por estar assujeitada ao silenciamento intencional.

Afinal, “abrir a caixa-preta de nossa história é, inevitavelmente, arriscar-se a tocar em espinhos” (PICCININI; SZUCHMAN, 2018, p.211) mas, além de construir estas memórias, há um dever de resgatá-las, apesar de o contexto social apresentar uma imersão no desejo do esquecimento. Portanto, é preciso falar para não repetir.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov. Magia e

técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura. pp. 197-221. São Paulo: Brasiliense, 1994.

BETTS, Jaime. Trauma e Testemunho - Considerações sobre o conceito de reparação psíquica diante da violência de estado. pp. 113-125. In: Por que um clínica do testemunho? Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.

BRITO, Nara de Azevedo de. La dansarina: a gripe espanhola e o cotidiano na cidade do Rio de Janeiro. Rev. História, Ciências, Saúde, Manguinhos, IV (1):11-30 mar.-jun. 1997.

CANAVÊZ, F.; HERZOG, R. Entre a psicanálise e a psiquiatria: a medicalização do trauma na contemporaneidade. Tempo Psicanalítico, 43(1), 111-129. 2011.

Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

FRANCO, Odair. História da Febre-Amarela no Brasil. Ministério da Saúde. Rio de Janeiro, 1969.

FREUD, Sigmund. A História do Movimento Psicanalítico, Artigos sobre a Metapsicologia e outros trabalhos. (1914-1916). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. O Futuro de uma Ilusão, o Mal-estar na Civilização e outros trabalhos. (1927-1931). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____. O Caso Schreber, Artigos sobre Técnica e outros trabalhos. (1911-1913). Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, vol. XII. Rio de Janeiro: Imago, 1996.

GAY, Peter. Freud: uma vida para o nosso tempo. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

MAIA, M. S. Extremos da alma - Clínica, experiência subjetiva e campo de afetação. Estados Gerais da Psicanálise - Segundo Encontro Mundial. 2003.

PICCININI, Carlos Augusto; SZUCHMAN, Karine. Clínicas do testemunho: Por que falar agora? pp. 211-224. In: Por que um clínica do testemunho? Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.

RIECK, Máira Brum. Memórias sem lembranças: Notas sobre um grupo de testemunho em tempos sombrios. pp. 237-247. In: Por que um clínica do testemunho? Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.

SILVEIRA, Marilena Deschamps; BARROS, Allyne Fernandes Oliveira. A escuta do traumático: Sobre reconstruções impossíveis na solidão. pp. 167-178. In: Por que um clínica do testemunho? Clínicas do Testemunho RS e SC. Porto Alegre: Instituto APPOA, 2018.

Parecer CEUA: 23205.004977/2015-90



Evento: XXVIII Seminário de Iniciação Científica

ODS: 3 - Saúde e Bem-estar

Parecer CEUA: 3.501.741